

VICTORIA AVEYARD



A RAINHA  
VERMELHA

UMA SOCIEDADE DIVIDIDA PELO SANGUE.  
UM JOGO DEFINIDO PELO PODER.

SEGUINTE

VICTORIA AVEYARD

A RAINHA  
VERMELHA

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras

Para mamãe, papai e Morgan, que queriam saber o que acontecia depois, mesmo quando eu mesma não queria.

## UM



ODEIO A PRIMEIRA SEXTA. O vilarejo fica lotado, o que agora, no auge do verão, é a última coisa que alguém desejaria. Não é tão ruim aqui na sombra, mas o fedor dos corpos suados do trabalho da manhã é forte o bastante para azedar o leite. O ar tremeluz com o calor e a umidade, e até as poças da tempestade de ontem estão quentes e agitam-se com pequenos arco-íris de óleo e graxa.

A feira esvazia à medida que as barracas vão fechando. Os mercadores estão distraídos, despreocupados. É fácil pegar o que eu quiser dos estoques. Quando terminar, estarei com os bolsos abarrotados de quinilharias e ainda terei uma maçã para a viagem. Nada mal para poucos minutos de trabalho. A multidão se move e eu me deixo ser arrastada pela corrente humana. Minhas mãos entram e saem num só gesto, sempre toques rápidos. Umhas notas do bolso de um homem, a pulseira de uma mulher, nada muito grande. Os aldeões estão ocupados demais seguindo o fluxo para notar uma batedora de carteira.

As altas construções sobre palafitas que dão nome ao vilarejo (Palafitas, quanta originalidade...) erguem-se ao redor, três metros acima do solo lamacento. Na primavera, a margem sul do rio geralmente fica alagada, mas estamos em agosto, mês em que desidratação e insolação afligem o vilarejo. Quase todo mundo espera ansiosamente a primeira sexta-feira do mês, quando a escola e o trabalho terminam mais cedo. Eu não. Preferiria estar na escola numa sala cheia de crianças sem aprender nada.

Não que eu vá permanecer muito mais tempo na escola. Meu décimo oitavo aniversário está chegando e, com ele, o recrutamento. Não tenho formação profissional nem emprego, de modo que acabarei na guerra com outros *desocupados*. Não é de estranhar a falta de trabalho: todo homem, mulher e criança faz de tudo para ficar longe do Exército.

Meus irmãos foram para a guerra quando completaram dezoito anos; mandaram os três combater Lakeland. Apenas Shade sabe escrever um pouco, e ele me manda cartas sempre que pode. Não tenho informações sobre meus outros irmãos, Bree e Tramy, há mais de um ano. Mas notícia ruim sempre chega depressa. As famílias podem passar anos sem novidades para um dia se deparar com os filhos na porta de casa — de licença ou às vezes felizes por terem sido dispensados. No geral, porém, o que as pessoas recebem é uma carta em papel grosso com o selo da Coroa estampado ao pé de um curto agradecimento pela vida do filho. Talvez ganhem até

alguns botões de seus uniformes despedaçados.

Eu tinha treze anos quando Bree partiu. Ele me deu um beijo na bochecha e um par de brincos que eu teria de dividir com minha irmã mais nova, Gisa. Eram dois pingentes com contas de vidro rosado como o pôr do sol. Naquela mesma noite, nós duas furamos a orelha sozinhas. Tramy e Shade mantiveram a tradição. Agora Gisa e eu levamos as três pequenas joias numa orelha, para lembrar dos nossos irmãos que lutam em algum lugar. Não acreditei que eles teriam mesmo de ir embora até o dia em que o legionário apareceu com sua armadura reluzente e os levou consigo, um após o outro. No próximo outono, ele virá me buscar. Já comecei a economizar — e roubar — para comprar os brincos de Gisa quando partir.

*Não pense nisso.* É o que minha mãe sempre diz sobre o Exército, sobre meus irmãos, sobre tudo. *Ótimo conselho, mãe.*

No fim da rua, no cruzamento da Mill com a Marcher, mais aldeões juntam-se à marcha e a multidão aumenta. Um bando de moleques — ladrõezinhos em treinamento — se move pelo tumulto com seus dedos grudentos e curiosos. São jovens demais para serem bons nisso, e os agentes de segurança logo intervêm. Normalmente as crianças seriam mandadas para o tronco ou para a cadeia no entreposto, mas os agentes querem ver a Primeira Sexta. Eles se contentam em dar algumas surras e deixar os ladrões irem. *Pequenas caridades.*

A menor pressão na minha cintura me faz virar para trás instintivamente. Agarro aquela mão tola o bastante para tentar furtar de mim. Aperto tão forte que o diabinho não vai conseguir escapar. Mas, em vez de um moleque mirrado, me deparo com um rosto sorridente.

*Kilorn Warren.* Aprendiz de pescador, órfão de guerra e provavelmente meu único amigo de verdade. Costumávamos brincar de lutinha quando crianças, mas agora que estamos mais velhos e ele tem uns trinta centímetros a mais que eu, procuro evitar disputas. Acho que Kilorn pode ser útil. Para alcançar prateleiras altas, por exemplo.

— Você está mais rápida — ele ri, soltando-se da minha mão.

— Ou você mais lento.

Ele faz uma cara de tédio e apanha a maçã da minha mão.

— Esperamos Gisa? — pergunta, abocanhando a maçã.

— Ela tem um passe para ficar o dia inteiro. Trabalhando.

— Então é melhor irmos. Não quero perder o espetáculo.

— Que tragédia seria...

— Tsc, tsc, Mare — ele provoca, balançando o dedo na minha cara. — É pra ser divertido.

— É pra ser um *aviso*, seu burro.

Nisso ele já caminha a passos largos, forçando-me a quase correr para

acompanhar o ritmo. O andar gingado, desequilibrado. “Passos de marujo” é como ele chama, embora nunca tenha estado em alto-mar. Mas acho que as longas horas no pesqueiro do seu mestre, ainda que no rio, tendem a produzir algum efeito.

O pai de Kilorn foi mandado à guerra, assim como o meu. Mas, enquanto o meu regressou sem uma perna e um pulmão, o sr. Warren voltou dentro de uma caixa de sapatos. A mãe de Kilorn fugiu logo em seguida, deixando o filho abandonado à própria sorte. Ele quase morreu de fome, mas por algum motivo continuou pegando no meu pé. Eu o alimentava só para não ter de enxotar aquele saco de ossos o tempo todo. Hoje, dez anos depois, aqui está ele. Pelo menos ocupa um posto de aprendiz e não vai ter que encarar a guerra.

Chegamos ao pé do monte onde a multidão se apinha entre empurrões e cutucões. É obrigatório comparecer à Primeira Sexta, a menos que você seja um “trabalhador essencial”, como minha irmã. Como se bordar seda fosse essencial. Mas os prateados adoram seda... Até os agentes de segurança podem ser subornados com peças costuradas pela minha irmã. Não que eu saiba algo sobre isso.

As sombras ao redor escurecem à medida que subimos os degraus de pedra rumo ao topo da montanha. Kilorn vai de dois em dois e quase me deixa para trás. Mas ele se detém e espera, sorrindo para mim com malícia, e tirando uma mecha do cabelo castanho de seus olhos verdes.

— De vez em quando esqueço que você tem pernas de criança.

— Melhor do que ter cérebro de criança — rebato, dando-lhe um tapinha na bochecha ao passar. O som da sua risada sobe os degraus atrás de mim.

— Você está mais mal-humorada do que o normal.

— É que odeio essas coisas.

— Eu sei — ele sussurra, sério pela primeira vez.

Eis que chegamos à arena, com o sol escaldante sobre nossa cabeça. Construída há dez anos, a arena é de longe a maior estrutura de Palafitas. Não é nada perto das construções colossais das cidades, mas ainda assim os arcos ascendentes de metal e os milhares de metros de concreto bastam para fazer uma menina da aldeia perder o fôlego.

Os agentes de segurança estão por toda parte; os uniformes preto e prata destacam-se na multidão. É a Primeira Sexta, e eles não veem a hora de assistir aos eventos. Portam armas pequenas, apesar de não precisarem. Os agentes são prateados, e os prateados não têm nada a temer de nós, vermelhos. Todo mundo sabe disso. Não somos iguais, embora talvez não dê para perceber só de olhar. A única coisa que nos diferencia — ao menos por fora — é que os prateados andam eretos. Já nossas costas são curvadas pelo trabalho, pela esperança frustrada e pela inevitável desilusão com nosso fardo na vida.

O calor dentro da arena descoberta é o mesmo do lado de fora, e Kilorn, sempre na ponta dos pés, me conduz para debaixo de uma sombra. Não há assentos para

nós, apenas uns bancos grandes de concreto, mas os poucos nobres prateados desfrutam de camarotes frescos e confortáveis na parte superior. Lá, dispõem de bebidas, comida, *gelo* — mesmo no auge do verão —, cadeiras estofadas, luz elétrica e outras comodidades que jamais teremos. Os prateados nem ligam para isso e reclamam da sua “condição miserável”. Vou dar a eles uma condição miserável se um dia tiver a chance. Tudo o que há para nós são bancos duros e alguns telões com tantos chuveiros e chiados que mal podemos enxergar.

— Aposto um dia de salário que hoje haverá mais um forçador — Kilorn diz enquanto joga o resto da maçã no chão da arena.

— Sem apostas — disparo.

Muitos vermelhos apostam nas lutas com a esperança de ganhar um pouquinho de dinheiro que os ajude a atravessar mais uma semana. Eu não aposto nem com Kilorn. É mais fácil surrupiar a bolsa do corretor de apostas do que ganhar algum dinheiro jogando.

— Você não devia desperdiçar seu dinheiro desse jeito.

— Não é desperdício quando você tem razão. *Sempre* tem um forçador espancando alguém.

Os forçadores geralmente participam de metade das lutas. Seu talento e sua técnica os tornam mais aptos à arena do que a maioria dos prateados. Para eles, parece prazeroso usar sua força sobre-humana para arremessar outros campeões como bonecas de pano.

— E o outro? — pergunto, pensando na gama de prateados que poderiam aparecer. Telecs, lépidos, ninfoides, verdes, pétreos: todos uma dureza de ver.

— Não sei direito. Tomara que seja legal. Um pouco de diversão não cairia mal.

Kilorn e eu não vemos as Efemérides da Primeira Sexta com os mesmos olhos. Para mim, assistir a dois campeões se digladiando não é nada agradável, mas Kilorn adora. “Deixe que se destruam”, diz. “Não são nossa gente.”

Ele não entende o que são esses shows. Não se trata de um simples entretenimento, um descanso para o nosso trabalho cansativo. É uma mensagem fria e calculista. Apenas prateados podem lutar na arena porque apenas *eles* podem sobreviver à arena. Lutam para nos mostrar sua força e seu poder. “Vocês não são páreo para nós. Somos melhores. Somos deuses”: é isso que cada golpe dado pelos campeões quer dizer.

E eles têm toda a razão. No mês passado, assisti a uma luta entre um lépido e um telec. Embora o lépido se movesse mais rápido do que conseguíamos ver, o telec o imobilizou completamente. Ele ergueu o adversário do chão apenas com o poder da mente. O lépido começou a sufocar; acho que o telec agarrou a garganta dele de algum jeito invisível. A luta terminou quando o lépido ficou azul. Kilorn comemorou. Ele tinha apostado no telec.

— Senhoras e senhores, prateados e vermelhos, bem-vindos à Primeira Sexta, a

Efeméride de agosto.

A voz do locutor ecoa pela arena, amplificada pelas muralhas. Soa entediada, como de costume, mas não o culpo por isso.

Antes as Efemérides estavam bem longe de serem disputas; eram simples execuções. Prisioneiros e inimigos do Estado eram transportados para Archeon, a capital, e mortos diante de uma plateia de prateados. Acho que os prateados gostavam disso, então começaram as lutas. Não para matar, mas para divertir. Foi então que surgiram as Efemérides de hoje, que se espalharam por outras cidades, para arenas e públicos diferentes. Com o tempo, permitiu-se a entrada de vermelhos, confinados aos assentos mais baratos. Não demorou muito até os prateados construírem arenas por toda parte, mesmo em vilarejos como Palafitas. E a participação dos vermelhos, que antes era um ato de benevolência, tornou-se obrigatória. Meu irmão Shade diz que é porque nas cidades com arena os vermelhos cometem menos crimes e discordam menos do regime; até o número de atos rebeldes cai. Agora os prateados não precisam apelar para execuções, ou mesmo legiões de agentes de segurança para manter a paz: dois campeões já bastam para nos assustar.

Hoje, os dois em questão fazem bem seu trabalho. O primeiro a pisar na areia branca é apresentado como Cantos Carros, um prateado de Harbor Bay, a leste de Palafitas. O telão explode em cores para formar uma imagem nítida do guerreiro. Ninguém precisa dizer que é um forçador. Os braços são como troncos de árvores, cheios de nervos e veias, a pele toda repuxada. Quando ele sorri, reparo que os dentes ou estão quebrados ou já não estão na boca. Talvez ele tenha brigado com a escova de dentes na infância.

Do meu lado, Kilorn está aos gritos, e os outros aldeões rugem com ele. Um agente de segurança atira pães aos que gritam mais alto para premiar o esforço. À minha esquerda, outro agente entrega um papelzinho amarelo brilhante para uma criança que se esgoela. É um lec, um vale de cota extra de eletricidade. Tudo isso para que torçamos e gritemos; tudo para nos forçar a ver, ainda que não queiramos.

— Isso mesmo, ele quer ouvir vocês! — o locutor quase bocejou, forçando o entusiasmo na voz o máximo que podia. — E aqui temos seu oponente. Diretamente da capital, Samson Merandus.

Provavelmente um parente distante de alguém famoso tentando ganhar renome na arena. Parece pálido e lânguido ao lado do conjunto de músculos em forma humana que era seu oponente, mas sua armadura de aço temperado é boa e reluzente. Embora devesse estar assustado, parece estranhamente calmo.

O sobrenome soa familiar, o que não é incomum. Muitos prateados pertencem a famílias ilustres — chamadas Casas —, com dúzias de membros. A Casa que governa nossa região, Capital Valley, é a Casa Welle, embora eu nunca tenha visto o governador Welle na vida. Ele nunca aparece mais de uma ou duas vezes por ano, e

mesmo assim *nunca* se rebaixa a ponto de entrar num vilarejo vermelho como o meu. Vi uma vez seu barco cruzar o rio, uma máquina elegante com bandeiras auriverdes. Ele é um verde. Quando passou, as árvores nas margens floresceram e o chão recobriu-se de flores. Achei bonito, até um dos garotos mais velhos jogar pedras no barco. Elas caíram no rio, inofensivas. Mas o menino foi para o tronco mesmo assim.

— O forçador leva, sem dúvida.

Kilorn observa o campeão mirrado.

— Como você sabe? Qual é o poder de Samson?

— Isso importa? Ele vai perder de qualquer jeito — zombo, preparando-me para assistir.

O gongo soa na arena. Muitos se levantam, ansiosos para assistir, mas permaneço sentada em um protesto silencioso. Por mais calma que pareça, a raiva ferve dentro de mim. Raiva e inveja. “Somos deuses” é a frase que ecoa na minha cabeça.

— Campeões, adentrem a arena.

Eles entram, pisando forte, um de cada lado. Armas de fogo são proibidas nos combates em arena, então Cantos puxa uma espada curta e larga. Duvido que vá precisar dela. Samson não saca nenhuma arma, mal contrai os dedos.

Um zumbido elétrico baixo soa na arena. *Odeio esta parte!* O som reverbera nos meus ossos e dentes, que latejam tanto que chego a pensar que vão trincar. O ruído termina com uma campainha aguda. *Começou.* Suspiro.

Logo de cara parece que vai ser um banho de sangue. Cantos avança como um touro, levantando areia. Samson tenta desviar, usando o ombro para deslizar por trás do prateado, mas o forçador é rápido. Ele agarra a perna de Samson e o arremessa pela arena feito uma peteca. Os gritos da torcida encobrem o urro de dor que Samson solta ao bater no muro de cimento, mas o sofrimento está escrito em sua testa. Antes de sonhar em levantar, Cantos já está em cima dele e o lança para o alto. O campeão de armadura cai na areia feito um saco de ossos quebrados, mas se levanta, não sei como.

— Ele é um saco de pancada? — ri Kilorn. — Vai pra cima, Cantos!

Kilorn não liga para um pão a mais ou uns minutos extras de eletricidade. Não é por isso que torce. Ele sinceramente quer ver sangue, sangue dos prateados, *sangue prata* manchar a arena. Não importa que o sangue seja tudo o que não somos, tudo o que não podemos ser, tudo o que *queremos* ser. Kilorn só quer vê-lo e se ilude com a ideia de que eles são humanos de verdade, que podem ser feridos e derrotados. Mas sei que não é assim. O sangue deles é uma ameaça, um aviso, uma promessa. *Não somos iguais e jamais seremos.*

Kilorn não se decepciona. Até as pessoas do camarote podem ver o líquido metálico e furta-cor pingar da boca de Samson. O sol de verão reflete-se nele como num espelho d’água e pinta um rio correndo do seu pescoço até a armadura.

Esta é a verdadeira distinção entre prateados e vermelhos: a cor do sangue. Esta única diferença os torna mais fortes, mais inteligentes e *melhores* que nós.

Samson cospe e mais sangue prata reluz na arena. Uns dez metros à frente, Cantos segura forte a espada na mão, pronto para pôr um fim na luta.

— Pobre coitado — murmuro.

Parece que Kilorn tinha razão: *ele não passa de um saco de pancadas*.

Cantos faz a arena tremer com seus passos. Espada na mão, olhos em chamas. E então ele para. Um pé se mantém suspenso; a armadura ressoa com a interrupção abrupta. No meio da arena, o guerreiro sangrando aponta para Cantos; seu olhar parece capaz de partir ossos.

Samson move os dedos e Cantos caminha, perfeitamente sincronizado com os gestos manuais dele. A boca do forçador se abre, como se não fosse bom da cabeça. *Como se tivesse perdido a mente*.

Não acredito no que vejo.

Um silêncio mortal recai sobre a arena enquanto assistimos à cena sem entender. Até Kilorn não tinha o que dizer.

— Um murmurador — suspiro em voz alta.

Nunca tinha visto um deles na arena... Duvido que alguém tivesse. Murmuradores são raros, perigosos e poderosos mesmo entre os prateados, mesmo na *capital*. Os rumores a seu respeito variam, mas no final todos soam simples e aterrorizantes: eles podem entrar na sua cabeça, ler seus pensamentos e *controlar sua mente*. E é exatamente isso que Samson faz agora, depois de atravessar a armadura e os músculos de Canto e chegar ao seu cérebro, onde não há defesas.

Cantos ergue a espada com as mãos trêmulas. Tenta combater o poder de Samson. Mas, por mais força que tenha, é incapaz de lutar contra sua mente.

Outro gesto da mão de Samson faz sangue prata respingar pela arena. Canto enfia a espada na armadura, na própria barriga. Posso ouvir o rangido doentio do metal cortando carne mesmo do meu péssimo lugar.

Sangue jorra de Cantos. A arena ecoa de espanto. Nunca vimos tanto sangue aqui antes.

Luzes azuis acendem e banham a arena com um brilho etéreo que marca o fim da disputa. Curandeiros prateados correm pela areia para chegar a Cantos, que está caído. Prateados não podem morrer aqui. A ideia é que lutem com braveza, ostentem seus talentos e deem um espetáculo, mas nada de *morrer*. Afinal, eles não são vermelhos.

Nunca vi os guardas moverem-se tão rápido. Alguns são lépidos e seus vultos nos cercam por todos os lados para nos conduzir à saída. Não nos querem por perto caso Cantos morra na arena. Enquanto isso, Samson se retira como um titã. Seu olhar repousa sobre o corpo de Cantos. Pensei que encontraria um ar de arrependimento nele, mas não. Seu rosto está impassível, inexpressivo e frio. O

combate não significava nada para ele. *Nós* não somos nada para ele.

Na escola, aprendemos sobre o mundo antes de nós, sobre anjos e deuses que viviam no céu e governavam a Terra com mãos ternas e gentis. Alguns dizem que não passam de histórias, mas não acredito nisso.

Os deuses ainda governam. Ainda descem das estrelas. Só não são mais gentis.

## DOIS



NOSSA CASA É PEQUENA, mesmo para os padrões de Palafitas, mas ao menos temos uma boa vista. Antes dos ferimentos, durante uma das licenças do Exército, meu pai construiu uma casa tão alta que podíamos avistar o outro lado do rio. Mesmo através da neblina do verão, é possível ver as clareiras que antes formavam uma floresta, destinada ao esquecimento pelos machados. Parecem uma doença, mas as colinas intocadas ao norte e ao oeste tranquilizam nossa memória: *há muito mais lá fora*. Além de nós, além dos prateados, além de tudo o que conheço.

Subo a escada da minha casa escalando os degraus de madeira deformados pelas mãos que sobem e descem diariamente. Dessa altura, vejo alguns barcos que percorrem o rio com bandeiras brilhantes hasteadas. *Prateados*. São os únicos ricos o bastante para usar transporte privado. Enquanto desfrutam de veículos com rodas, lanchas e até jatinhos para rasgar os céus, não temos mais que os próprios pés ou bicicletas, se tivermos sorte.

O destino dos barcos deve ser Summerton, a pequena cidade da casa de verão do rei que se enche de vida nessa época. Gisa esteve lá hoje para ajudar a costureira de quem é aprendiz. Durante as visitas do rei, as duas sempre vão à feira de lá para vender seus produtos aos mercadores e nobres prateados que seguem a família real como filhotinhos. O palácio em si é conhecido como Palacete do Sol. Teoricamente é uma maravilha, mas nunca o vi. Não sei por que a família real possui uma segunda casa, principalmente se o palácio na capital é tão incrível. Só que, como todos os prateados, eles não agem por necessidade. São movidos pelo desejo. E o que desejam, conseguem.

Antes de abrir a porta para o caos habitual, acaricio a bandeira que tremula na varanda. Três estrelas vermelhas, uma para cada irmão, sobre um fundo amarelado. E há espaço para mais. *Espaço para mim*. A maioria das casas possui bandeiras como esta, algumas com faixas negras em vez de estrelas, um silencioso lembrete dos filhos mortos.

Dentro de casa, minha mãe transpira à beira do forno enquanto mexe um guisado. Meu pai observa-a da cadeira de rodas. Gisa borda na mesa, produzindo algo belo e requintado, inteiramente fora da minha compreensão.

— Cheguei — anuncio a ninguém em particular.

Meu pai responde com um aceno e minha mãe move a cabeça. Gisa não levanta o olhar do seu retalho de seda.

Solto meu saco de bens roubados do lado dela, deixando as moedas tilintarem o máximo possível.

— Acho que consegui o bastante para um bolo decente no aniversário do papai. E mais baterias, suficientes para durar um mês.

Gisa olha o saco e fecha a cara de desgosto.

— Um dia as pessoas virão aqui e tomarão tudo o que você tem.

— Inveja não é do seu feitio, Gisa — retruco, dando-lhe tapinhas na cabeça. Imediatamente, suas mãos sobem até seu cabelo ruivo, perfeito e brilhante, e o ajeitam de volta num coque meticuloso.

Sempre quis ter o cabelo dela, embora nunca tenha dito isso. Enquanto seu cabelo é como o fogo, o meu é castanho como um rio, como costumamos dizer. Escuro na raiz e desbotado nas pontas; as cores desvanecem com o desgaste da vida em Palafitas. A maioria das mulheres deixa o cabelo curto para esconder as pontas grisalhas. Eu não. Gosto de lembrar que até meu cabelo sabe que a vida não deveria ser assim.

— Não estou com inveja — ela bufa antes de retomar o trabalho. Ela borda flores de fogo, como se cada uma fosse uma bela chama de pontos sobre a seda negra e brilhante.

— Que bonito, Gi.

Deixo minha mão contornar uma das flores, maravilhada com o toque sedoso. Gisa lança-me um olhar e abre um sorriso gentil que revela até seus dentes. Apesar das brigas, ela sabe que é minha pequena estrela.

*E todo mundo sabe que a invejosa sou eu, Gisa. Não sei fazer nada além de roubar daqueles que realmente fazem alguma coisa.*

Assim que deixar de ser aprendiz, ela poderá abrir sua própria loja. Prateados virão de todo lugar para comprar seus lencinhos, bandeiras e roupas. Gisa conquistará o que poucos vermelhos têm e viverá bem. Ela cuidará dos nossos pais e contratará meus irmãos e eu como seus ajudantes para nos tirar da guerra. Um dia Gisa nos salvará apenas com uma linha e uma agulha.

— Minhas meninas... Como o dia e a noite — murmura minha mãe. Ela não quer ofender, mas é uma verdade espinhosa. Gisa é talentosa, linda e doce. Eu sou mais durona, nas palavras de mamãe. O fundo escuro para a luz de Gisa. Acredito que nossos únicos pontos em comum sejam os brincos compartilhados e as lembranças dos nossos irmãos.

Meu pai está ofegante em seu canto e bate no próprio peito. É comum, já que ele só tem um pulmão de verdade. Por sorte, um médico vermelho habilidoso o salvou, substituindo o pulmão destruído por um dispositivo que respira pelo meu pai. Não foi invenção dos prateados, que não precisam dessas coisas. Eles têm os curandeiros, que não perdem seu tempo salvando vermelhos, nem mesmo para manter os soldados na linha de frente vivos. A maioria fica nas cidades,

prolongando a vida dos velhos prateados, consertando fígados destruídos pelo álcool e coisas do gênero. Assim, somos forçados a depender de um mercado negro de invenções se tivermos problemas. Alguns inventos são idiotas e muitos não funcionam. Mas um metal ruidoso salvou a vida de meu pai. Sempre escuto seu tique-taque, pequenos pulsos que mantêm meu pai respirando.

— Não quero bolo.

— Bom, então diga o que *quer*, pai. Um relógio novo ou...

— Mare, não considero *novo* algo que você arrancou do pulso de alguém.

Antes de uma nova guerra eclodir na casa dos Barrow, minha mãe tira o guisado do fogo.

— O jantar está servido.

Quando põe a panela na mesa, o vapor vai em minha direção.

— O cheiro está ótimo, mãe — Gisa mente. Meu pai não tem o mesmo tato e abre um sorriso amarelo diante da refeição.

Não quero ser exigente, então forço um pouco da carne goela abaixo. Para minha surpresa, não está tão ruim quanto de costume.

— Você usou a pimenta que eu trouxe?

Em vez de assentir e sorrir, agradecida por eu ter notado, minha mãe cora e não responde. Sabe que a pimenta é roubada, como tudo que eu trago para casa.

Gisa faz uma careta de desânimo e olha para o prato, desconfiando do rumo da conversa.

Talvez você pense que a essa altura eu deveria estar acostumada, mas a reprovação deles ainda me incomoda.

Minha mãe solta um suspiro e enterra a cabeça entre as mãos.

— Mare, eu reconheço seu gesto... Só queria que...

— Que eu fosse como Gisa? — completo a frase.

Minha mãe sacode a cabeça. Outra mentira.

— Não, claro que não. Não é minha intenção.

— Certo.

Certo mesmo é que o vilarejo inteiro deve ter sentido a amargura da minha fala. Esforço-me ao máximo para minha voz não desandar num choro:

— É o único jeito de ajudar vocês antes... antes de eu ir embora.

Menções à guerra são uma maneira rápida de chegar ao silêncio. Até meu pai respira silencioso. Minha mãe vira a cara com as bochechas vermelhas de raiva. Sob a mesa, a mão de Gisa enlaça a minha.

— Sei que você faz o que pode, pelos motivos certos — balbucia minha mãe. Custa-lhe muito dizer isso, mas me serve de conforto mesmo assim.

Fico de boca fechada e apenas concordo com a cabeça.

Então Gisa pula da cadeira, como se tivesse levado um choque.

— Ai, quase esqueci! Passei no correio na volta de Summerton. Havia uma carta

de Shade.

É como se tivesse soltado uma bomba. Meus pais, atrapalhados, pegam o envelope encardido que Gisa tira do bolso do casaco. Deixo ambos manusear a carta, examiná-la. Nenhum dos dois sabe ler, então tentam concluir algo a partir do próprio papel.

Meu pai cheira a carta na tentativa de adivinhar sua origem.

— Pinheiros. Sem fumaça. Isso é bom. Ele está longe do Gargalo.

O Gargalo é a faixa de terra bombardeada que liga Nortá a Lakeland, onde ocorre a maior parte das batalhas. É lá que os soldados passam quase todo o tempo, encolhendo-se atrás de trincheiras fadadas a explodir ou avançando bravamente em ofensivas que acabam em massacres. O resto da fronteira é formado por lagos, embora a parte ao extremo norte seja de tundra, fria e desolada demais para ser disputada. Meu pai feriu-se no Gargalo anos atrás, quando uma bomba caiu sobre sua unidade. Agora o Gargalo está tão destruído por décadas de guerra que a fumaça das explosões forma uma neblina permanente e nada brota ali. O solo está morto e cinza, e assim será com o futuro da guerra.

Ele finalmente me passa a carta, e eu a abro, sôfrega e ao mesmo tempo receosa do que Shade tem a dizer.

*Querida família, estou vivo. É óbvio.*

Isso arranca uma risadinha de meu pai e de mim, e até um sorriso de Gisa. Minha mãe não se impressiona, embora Shade comece todas as cartas assim.

*Recuamos da frente de batalha, como o papai farejador deve ter adivinhado. É bom voltar aos acampamentos principais. Tudo é vermelho como a aurora aqui; mal dá para ver os oficiais prateados. Sem a fumaça do Gargalo, dá até para ver o sol se levantar cada dia mais forte. Mas não ficarei muito por aqui. O comando planeja reorganizar a unidade de combate nos lagos, e nós fomos destinados a um dos novos navios de guerra. Conheci uma médica transferida de outra unidade; ela disse que conhece Tramy e que ele está bem. Foi atingido por estilhaços na retirada do Gargalo, mas se recuperou bem. Sem infecções, sem sequelas.*

Minha mãe suspira alto, balançando a cabeça:

— Sem sequelas... — ironiza.

*Ainda nada de notícias de Bree, mas não me preocupo. Ele é o melhor entre nós e logo receberá sua licença quinquenal. Vai estar em casa em breve, mãe, então pare de se preocupar. Nada mais a relatar, ao menos nada que eu possa escrever numa carta. Gisa, não seja exibida demais, apesar de ter motivos para isso. Mare, não seja tão chata o tempo todo e pare de bater naquele Warren. Pai, tenho orgulho de você. Sempre. Amo todos. Seu filho e irmão favorito, Shade.*

Como sempre, as palavras de Shade penetram fundo no meu peito. Quase consigo ouvir sua voz se me esforçar bastante. E então a luz sobre nós começa a oscilar.

— Ninguém usou os vales de energia que eu trouxe ontem? — pergunto um pouco antes de a luz apagar de vez e nos deixar na escuridão. Meus olhos tentam se ajustar e mal enxergo minha mãe balançar a cabeça.

— Podemos não repetir a discussão? — Gisa resmunga enquanto afasta a cadeira e se levanta. — Vou pra cama. Tentem não gritar.

Mas não gritamos. Parece que meu mundo é assim: *cansada demais para lutar*. Meus pais retiram-se para o quarto, deixando-me sozinha na mesa. Normalmente eu sairia um pouco de casa, mas não estou com disposição para nada além de ir dormir.

Subo outra escada até o sótão, onde Gisa já está roncando. Ela dorme como ninguém; apaga depois de mais ou menos um minuto, enquanto eu levo horas para cair no sono. Deito no beliche, feliz simplesmente por estar ali, segurando a carta de Shade. Como percebeu meu pai, o cheiro de pinheiros é forte.

O som do rio é agradável: a água resvala nas pedras da margem e parece cantar para que eu durma. Até a velha geladeira — um troço enferrujado que costuma chiar ao ponto de me dar dor de cabeça — não me incomoda esta noite. Mas então um pio de passarinho interrompe meu mergulho no sono. *Kilorn*.

*Não. Vai embora.*

Outro pio, mais alto. Gisa vira um pouco na cama e enfia a cabeça no travesseiro.

Resmungando baixo, com ódio de *Kilorn*, rolo o corpo para fora da cama e escorrego escada abaixo. Qualquer um tropeçaria na bagunça da sala, mas me equilíbrio como ninguém após anos de experiência fugindo dos agentes. Um segundo depois já estou descendo a escada da palafita. A lama bate na altura do meu joelho. *Kilorn* está à minha espera, misturado às sombras em torno da casa.

— Tomara que você goste de olhos roxos, porque é o que vou fazer com você depois dessa...

Sua expressão me interrompe.

Ele esteve chorando. *Kilorn não chora*. Os nós dos dedos sangram, e aposto que em algum lugar uma parede também está machucada. Apesar do incômodo, apesar de ser tarde da noite, não consigo deixar de sentir preocupação, medo até, por ele.

— O que é isso? O que houve?

Sem pensar, tomo sua mão entre as minhas. Posso sentir seu sangue sob meus dedos.

— O que aconteceu? — pergunto de novo.

Ele demora para responder, como se juntasse forças. Fico aterrorizada.

— Meu mestre... caiu. Morreu. Não sou mais aprendiz.

Tento disfarçar o espanto, mas ecoa em minha respiração. Apesar de não haver necessidade, apesar de saber o que *Kilorn* quer dizer, ele continua:

— Não terminei o aprendizado e agora... — ele engasga com as palavras. — Tenho dezoito anos. Os outros pescadores têm aprendizes. Não trabalho. Não posso *arranjar* um trabalho.

As palavras seguintes são como uma faca no meu coração. Kilorn toma fôlego nervoso, enquanto eu desejo não precisar ouvi-lo.

— Vão me mandar pra guerra.

## TRÊS



JÁ ESTÁ ACONTECENDO desde a maior parte dos últimos cem anos. Acho que nem dá para chamar de guerra, só que não existe uma palavra para essa forma superior de destruição. Na escola, disseram que começou por causa de terras. Lakeland é uma planície fértil rodeada de lagos imensos cheios de peixe. Bem diferente das montanhas de Norta, rochosas e cobertas de florestas. As fazendas mal conseguem alimentar metade de nós. Até os prateados sentiram o peso, e o rei declarou guerra, afundando todos num conflito que nenhum dos lados tinha chance real de vencer.

O rei de Lakeland, outro prateado, retribuiu na mesma moeda, totalmente apoiado por seus nobres. Queriam nossos rios para ter acesso a um mar que não passe metade do ano congelado, e os moinhos d'água que os rodeiam. Os moinhos são a força do país; fornecem eletricidade suficiente para que até os vermelhos possam receber um pouco. Ouvi rumores de cidades mais ao sul, perto da capital Archeon, onde vermelhos muito habilidosos constroem máquinas que estão além da minha compreensão. Para transporte na terra, na água e no céu, ou armas para semear a destruição onde os prateados quiserem. Nossa professora nos contava cheia de orgulho que Norta era a luz do mundo, uma nação grande por sua tecnologia e seu poder. Todo o resto, como Lakeland ou Piedmont, ao sul, vive nas trevas. Tínhamos sorte de ter nascido aqui. *Sorte*. Essa palavra me dá vontade de gritar.

Mas, apesar da nossa eletricidade, da comida de Lakeland, das nossas armas e dos números deles, nenhum dos lados tinha muita vantagem sobre o outro. Ambos contam com oficiais prateados e soldados vermelhos, valendo-se em combate de seus poderes, pistolas e do escudo de mil corpos vermelhos. Uma guerra que devia ter acabado há menos de um século ainda se arrasta. Sempre achei engraçado termos de lutar por comida e água. Mesmo os grandes e poderosos prateados precisam comer.

Mas agora não tem graça nenhuma, não quando Kilorn vai ser o próximo para quem direi adeus. Pergunto-me se ele vai me dar um brinco para que me lembre dele depois que o legionário o levar.

— Uma semana, Mare. Uma semana e já era. — Sua voz começa a falhar, embora ele tente disfarçar tossindo. — Não posso fazer isso. Eles... eles não vão me levar.

Mas posso ver a resistência deixar seus olhos.

— Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer — solto.

— Não tem nada que ninguém possa fazer. Ninguém escapou do recrutamento e viveu para contar a história.

Ele não precisa me dizer isso. Todo ano alguém tenta fugir. E todo ano esse alguém é arrastado para o paço municipal e enforcado.

— Não. A gente vai descobrir um jeito.

Mesmo nessa situação, ele arranja forças para fazer graça:

— *A gente?*

Minhas bochechas ardem mais que qualquer fogueira.

— Estou destinada ao recrutamento tanto quanto você, mas eles não vão me pegar. Vamos fugir.

O Exército sempre foi meu destino, meu castigo. Eu sei disso. Mas não o dele. A guerra já arrancou coisas demais de Kilorn.

— Não há para onde ir — ele dispara. Pelo menos estamos discutindo a ideia. Pelo menos ele não desistiu. — Nunca sobreviveríamos ao inverno do norte; o leste é só mar; no oeste, há mais guerra; o sul é um inferno radiativo... e qualquer lugar no meio disso está lotado de prateados e agentes de segurança.

As palavras transbordam da minha boca como um rio:

— Igual ao vilarejo. Lotado de prateados e agentes de segurança. E a gente consegue roubar bem debaixo do nariz deles e escapar ainda com a cabeça sobre o pescoço.

Meu cérebro trabalha em seu esforço máximo para encontrar uma coisa, qualquer coisa, que possa ser útil. E então vem uma luz, clara como um relâmpago.

— O mercado negro, o mercado que *nós* ajudamos a manter, contrabandeia tudo. De grãos a lâmpadas. Quem disse que não pode contrabandear pessoas?

Sua boca abre, prestes a metralhar mil razões para não dar certo. Mas então ele sorri. E concorda com a cabeça.

Não gosto de me meter nos assuntos dos outros. Não tenho tempo para isso. E, contudo, aqui estou, me ouvindo dizer duas palavras fatais:

— Deixa comigo.

Aquilo que não conseguimos vender para os comerciantes habituais levamos para Will Whistle. Ele é velho e fraco demais para trabalhos braçais, mas sua mente é afiada como um prego. Ele vende de tudo no seu trailer mofado, desde café altamente proibido a esquisitices de Archeon. Eu tinha nove anos e um punhado de botões roubados quando tentei a sorte com ele pela primeira vez. Will me pagou com três moedinhas de cobre e não fez nenhuma pergunta. Agora sou sua melhor fornecedora e talvez o motivo de ele não ter ido à falência num lugarzinho como este. Algum dia, quem sabe, poderei até chamá-lo de amigo.

Levou anos para eu descobrir que Will fazia parte de um esquema muito maior. Alguns chamam de submundo, outros de mercado negro. Para mim, só importa o que eles podem fazer. Seus atravessadores, pessoas como Will, estão em toda parte.

Até em Archeon, por incrível que pareça. Eles transportam bens ilegais pelo país inteiro. E agora aposto minhas fichas na ideia de que abram uma exceção e transportem pessoas.

— Absolutamente não.

Em oito anos, Will nunca me disse não. Agora, o velho tolo e enrugado praticamente bate a porta do trailer na minha cara. Fico feliz por Kilorn não ter ido junto. Assim não precisa me ver fracassar.

— Will, *por favor*. Sei que você pode...

Ele balança a cabeça e sua barba branca se agita.

— Mesmo se *pudesse*, eu sou um negociante. As pessoas com quem trabalho não são do tipo que gasta tempo e energia dando carona pra um desertor. Não é nosso negócio.

Sinto minha única esperança, a única esperança de Kilorn, escorregar por entre os dedos.

Will deve ter notado o desespero em meus olhos. Ele se desarma e encosta na porta do trailer. Deixa escapar um suspiro pesado e lança um olhar para trás, em direção à escuridão da van. Alguns instantes depois, entra no veículo e gesticula para que o acompanhe. Vou com a maior alegria.

— Obrigada, Will — balbucio. — Você não sabe o que isso significa para mim...

— Sente-se e fique quieta, menina — uma voz aguda diz.

Nas sombras do trailer, quase invisível à luz da solitária vela azul de Will, uma mulher levanta. Uma garota, eu diria, pois parece ser pouco mais velha que eu. Mas é muito mais alta. Tem um ar de guerreira experiente. A pistola na cintura, enfiada num cinturão vermelho estampado com sóis, certamente não é permitida. Ela é loira e bonita demais para ser de Palafitas; a julgar pelo suor em seu rosto, não está acostumada ao calor e à umidade. É uma estrangeira, uma forasteira e, por isso, uma fora da lei. *Exatamente o tipo de pessoa que preciso*.

Ela aponta para um banco e, assim que me sento, ela faz o mesmo. Will vem logo atrás e desaba numa cadeira gasta. Seu olhar alterna entre mim e a garota.

— Mare Barrow, esta é Farley — sussurra ele, e a mulher fecha a cara.

Seus olhos cravam-se em meu rosto.

— Você quer transportar uma carga.

— Eu e um rapaz...

Ela ergue a mão grande e calejada para me interromper.

— *Carga* — ela repete, com o olhar repleto de significado.

Meu coração salta no peito. Essa tal de Farley pode ser do tipo que se dispõe a ajudar.

— Qual é o destino? — pergunta.

Racho a cabeça na tentativa de encontrar um lugar seguro. O velho mapa da escola paira ante meus olhos desenhando o litoral e os rios, indicando as cidades e

vilas e tudo entre elas. De Harbor Bay até a fronteira com Lakeland no leste, da tundra do norte até os escombros radiativos das ruínas e Wash: todos terrenos perigosos para nós.

— Qualquer lugar a salvo dos prateados. É isso.

Farley pisca para mim sem mudar sua expressão.

— A segurança tem um preço, garota.

— Tudo tem um preço, *garota* — retruco no mesmo tom. — Ninguém sabe disso melhor que eu.

Um silêncio profundo preenche o trailer. Posso sentir a noite desvanecer levando preciosos minutos de Kilorn consigo. Farley percebe meu desconforto e minha impaciência, mas não tem pressa de falar. Depois do que me pareceu uma eternidade, sua boca finalmente se abre.

— A Guarda Escarlata aceita, Mare Barrow.

Preciso de todo o meu autocontrole para não pular de alegria. Mas algo me detém e não permite que um sorriso se desenhe em meu rosto.

— O pagamento é à vista, mil coroas — prossigue Farley.

Fico quase sem ar. Até Will parece surpreso; suas sobrancelhas felpudas desaparecem sob a franja.

— *Mil?*

Consigo desentalar. Ninguém negocia tanto dinheiro, não em Palafitas. Daria para alimentar minha família por um ano. *Vários anos.*

Mas Farley não terminou. Tenho a impressão de que gosta da situação.

— A quantia pode ser paga em cédulas, moedas tetrarcas ou bens. E são mil coroas para cada item, claro.

*Duas mil coroas.* Uma fortuna. Nossa liberdade custa uma fortuna.

— A carga vai ser transportada depois de amanhã. O pagamento é no ato.

Mal consigo respirar. Menos de dois dias para juntar mais dinheiro do que roubei na vida inteira. *Sem chance.*

Ela nem me dá tempo de reclamar.

— Aceita os termos?

— Preciso de mais tempo.

Ela nega com um aceno mínimo de cabeça. Inclina o corpo para a frente, e sinto o cheiro de pólvora.

— Aceita os termos?

É impossível. É burrice. *É nossa melhor chance.*

— Aceito.

Os momentos seguintes passam num turbilhão enquanto caminho cambaleante pelas sombras de volta para casa. Meu cérebro está em chamas, tentando descobrir um jeito de botar as mãos em alguma coisa com o valor ao menos próximo do preço de Farley. Não será em Palafitas, isso é certo.

Kilorn ainda aguarda na escuridão, um menininho perdido. Penso que ele é isso mesmo.

— Más notícias? — pergunta, tentando manter a voz firme, mas ela vacila mesmo assim.

— Eles podem nos tirar daqui.

Por Kilorn, mantenho a calma durante a explicação. Duas mil coroas deve ser o preço do trono do rei, mas faço parecer que não é nada.

— Se alguém pode fazer isso, somos nós. *Nós vamos conseguir.*

— Mare...

Sua voz sai fria, mais fria que o inverno, mas seu olhar vazio é ainda pior.

— Acabou. Perdemos.

— Mas e se...

Ele põe as mãos nos meus ombros e me segura firme à distância de um braço. Não dói, mas fico chocada como se doesse.

— Não faça isso comigo, Mare. Não me faça acreditar que existe uma saída. Não me dê esperanças.

Ele tem razão. É cruel dar esperanças quando não há nenhuma. Geraria apenas frustração, ressentimento e raiva: tudo o que torna a vida ainda mais difícil do que já é.

— Só me deixa aceitar. Talvez... Talvez assim consiga pôr ordem na minha cabeça, treinar direito e ter uma chance no combate.

Minhas mãos vão ao encontro dos seus punhos e os agarram firme.

— Você fala como se já estivesse morto.

— Talvez esteja.

— Meus irmãos...

— Seu pai cuidou para que eles soubessem muito bem o que fazer antes de partir. E o fato de terem quase o tamanho desta casa ajuda.

Ele força um sorriso, na tentativa de me fazer rir. Não funciona.

— Sei nadar bem e sou um bom marinheiro — continua. — Vão precisar de mim nos lagos.

Somente quando ele me envolve em seus braços e me aperta forte percebo que estou tremendo.

— Kilorn... — balbucio contra seu peito. Mas as próximas palavras não vêm. *Deveria ser eu.* Mas minha vez chegará rápido. Só posso ter esperança de que ele sobreviverá pelo tempo suficiente para que eu o veja de novo, nos quartéis ou nas trincheiras. Talvez então encontre as palavras certas a dizer. Talvez então eu entenda o que sinto.

— Obrigado, Mare. Por tudo.

Ele se afasta, soltando-me rápido demais.

— Se você economizar, vai ter o suficiente para quando a legião vier atrás de

você — ele conclui.

Por Kilorn, concordo com a cabeça. Mas não está nos meus planos deixá-lo lutar e morrer sozinho.

Volto ao beliche, apesar da certeza de que não vou dormir. Deve haver alguma coisa que possa fazer e vou descobrir mesmo que leve a noite inteira.

A tosse de Gisa durante o sono soa miúda e doce. Mesmo inconsciente, ela consegue ser uma dama. Não surpreende que se dê tão bem com os prateados. Ela é tudo o que eles gostam num vermelho: quieta, feliz e despretensiosa. É bom que seja ela a lidar com eles, ajudando os trouxas super-humanos a escolher seda e tecidos finos para roupas que usarão apenas uma vez. Gisa diz que é possível acostumar-se a isso, à quantia de dinheiro que gastam com coisas tão banais. E no Grande Jardim, a feira de Summerton, o dinheiro é multiplicado por dez. Junto com sua mestra, Gisa costura rendas, sedas, peles e até pedras preciosas para criar peças de arte para serem vestidas pela elite prateada que parece seguir a família real a toda parte. O desfile, como ela diz, é uma marcha interminável de pavões emperiquitados, um mais orgulhoso e ridículo que o outro. Todos prateados, todos bobos e todos obcecados por seu status.

Eu os odeio mais que o normal esta noite. As meias que usam provavelmente bastariam para salvar a mim, Kilorn e metade de Palafitas do recrutamento.

Pela segunda vez na noite, uma luz.

— Gisa. Acorda — chamo, sem cochichar. Ela dorme feito um defunto. — *Gisa.*

Minha irmã se vira e abafa uma reclamação no travesseiro.

— Às vezes quero matar você — resmunga.

— Que lindo. Agora *acorda!*

Seus olhos ainda estão fechados quando pulo em cima dela, como se fosse uma gata gigante. Tapo sua boca antes de ela conseguir gritar, chorar ou chamar a atenção da mamãe.

— Só me escuta. Não precisa falar, é só ouvir.

Ela bufa de novo na minha mão, mas assente.

— Kilorn...

Bastou mencionar o nome do garoto para seu rosto assumir um tom vermelho brilhante. Ela até deu uma risadinha, coisa que nunca faz. Mas não tenho tempo para namoricos de escola, não agora.

— Chega disso, Gisa — digo, depois tomo fôlego e continuo. — Kilorn vai para o Exército.

Então seu riso acaba. O Exército não é piada, não para nós.

— Descobri um jeito de tirá-lo daqui, de salvá-lo da guerra, mas preciso da sua ajuda.

Dói dizer isso, mas as palavras atravessam os meus lábios mesmo assim.

— Preciso de você, Gisa. Pode me ajudar?

Ela não hesita e sinto meu amor por minha irmã se multiplicar.

— Sim.

Ainda bem que sou baixinha, do contrário não caberia no uniforme extra de Gisa. Ele é grosso e escuro, nada apropriado para o sol de verão, com botões e zíperes que parecem ferver no calor. A mochila que levo nas costas vai sacolejando quase ao ponto de me derrubar com o peso dos tecidos e dos materiais de costura. Gisa caminha com sua mochila e seu uniforme sufocante, mas não parecem incomodá-la nem um pouco. Está acostumada com trabalho e vida duros.

Velejamos a maior parte do trajeto rio acima espremidas entre sacas de trigo na barca de um fazendeiro bondoso com quem Gisa fez amizade uns anos atrás. As pessoas aqui confiam nela de uma maneira que jamais confiariam em mim. O fazendeiro nos deixa a um quilômetro e meio de nosso destino, onde encontramos um cortejo de mercadores que se dirigem a Summertown. Nos misturamos a eles rumo ao que Gisa chama de Portal do Jardim, embora não exista jardim nenhum ali. Na verdade, trata-se de um portão de vidro cintilante que nos cega antes de termos oportunidade de entrar. O resto do muro parece feito do mesmo material, mas duvido que um rei prateado seja burro o bastante para se esconder atrás de muralhas de vidro.

— Não é vidro — Gisa conta. — Ou pelo menos não totalmente. Os prateados descobriram um jeito de aquecer diamantes e misturar com outros materiais. É totalmente impenetrável. Nem uma bomba consegue atravessar.

*Paredes de diamante.*

— Parece necessário.

— Fique de cabeça baixa. Deixa que eu falo — ela cochicha.

Sigo atrás dela, com os olhos cravados nas ruas, que passam de asfalto escuro e rachado para pavimentos de pedras brancas. São tão lisas que quase escorrego, mas Gisa me segura pelo braço e me mantém de pé. Kilorn não teria problema em andar sobre isto, não com seus passos de marujo. Por outro lado, ele nem viria até aqui. Já desistiu. *Mas eu não.*

À medida que nos aproximamos dos portões, estreito os olhos para ver a parte de dentro, além do reflexo do sol. Embora Summertown funcione apenas como uma residência de verão e seja abandonada antes do primeiro floco de neve cair, é a maior cidade que já vi. Ruas agitadas, lojas, bares, restaurantes, casas e pátios: tudo voltado para uma monstruosidade ofuscante feita de cristais de diamante e mármore. E agora sei de onde veio o nome. O Palacete do Sol brilha como uma estrela com seus trinta metros de altura, como uma massa sinuosa de pontes e espirais. Algumas partes parecem escurecidas segundo a vontade dos ocupantes, que desejam privacidade. Não se pode admitir que os camponeses fiquem observando o rei e sua corte. É sublime, intimidador, magnífico — e é apenas a *casa de verão*.

— Nomes — uma voz rouca urra. Gisa para no ato.

— Gisa Barrow. Esta é minha irmã Mare Barrow. Ela está me ajudando a trazer alguns itens para minha mestra.

Gisa não vacila um instante sequer e mantém a voz no mesmo tom, quase aborrecido. O agente acena com a cabeça para mim. Ponho a mochila na frente do corpo e abro para ele. Gisa entrega nossos cartões de identidade, ambos já rasgados, sujos, se desfazendo, mas são o suficiente.

O homem que nos revista deve conhecer minha irmã, pois mal passa os olhos na identidade dela. A minha, porém, ele esmiúça, olhando para mim e para a foto por um minuto inteiro. Pergunto-me se ele é um murmurador e pode ler minha mente. Nesse caso, meu passeiozinho chegaria ao fim bem rápido. Talvez eu também, com uma corda no pescoço.

— Punho — ele bufa, já enfadado conosco.

Hesito por um instante, mas Gisa estica a mão direita sem pestanejar. Imito seu gesto e mostro o braço para o policial. Ele tasca uma fita vermelha nos punhos. As voltas ficam cada vez mais apertadas, parecendo algemas: é impossível tirar isso do braço sozinha.

— Adiante — o policial diz, indicando a direção com um gesto preguiçoso. Duas jovens garotas não representam ameaça aos seus olhos.

Gisa acena em agradecimento, mas eu não. Esse homem não merece um pingão do meu reconhecimento. Os portões se abrem aos rangidos diante de nós. Avançamos. Enquanto adentramos esse mundo diferente, as batidas do meu coração ressoam em meus ouvidos e abafam os sons do Grande Jardim.

Trata-se de um mercado diferente de tudo o que já vi, repleto de flores, árvores e fontes. Os vermelhos são poucos e rápidos: prestam serviços e vendem suas mercadorias, todos marcados por suas fitas vermelhas. Mesmo sem a fita, é fácil identificar os prateados. Eles transbordam de joias e metais preciosos, valendo uma fortuna. Um só gesto rápido e posso voltar para casa com tudo que algum dia precisarei. Todos os prateados são altos, lindos e frios. Caminham com uma elegância sem pressa que nenhum vermelho jamais poderia ter. Simplesmente não possuímos tempo para andar desse jeito.

Conduzida por Gisa, passo por uma padaria com bolos polvilhados de ouro, por uma quitanda repleta de frutas com cores vibrantes que nunca tinha visto e mesmo por uma exposição de animais cheia de feras além do meu conhecimento. Uma garotinha — prateada, a julgar pelas roupas — serve pedacinhos de maçã a uma criatura manchada, parecida com um cavalo e de pescoço incrivelmente comprido. Umás ruas mais para a frente, uma joalheria cintila em todas as cores do arco-íris. Presto atenção no lugar, mas é difícil andar de cabeça erguida aqui. O ar parece pulsar, vívido.

Logo quando pensava que não haveria nada mais fantástico que este lugar, observo os prateados mais de perto e lembro-me exatamente de quem são. A

garotinha é telec e faz a maçã levitar a três metros do chão para alimentar a criatura de pescoço comprido. Um florista corre a mão sobre um vaso de flores brancas que disparam a crescer, chegando a enrolar-se nos cotovelos de seu dono. Ele é verde, capaz de manipular as plantas e o solo. Sentados à beira da fonte, um par de ninfoides produz esferas flutuantes de água para divertir a garotada sem muita animação. Um deles tem cabelo alaranjado e ódio nos olhos, mesmo quando as crianças se reúnem ao seu redor. Por toda a praça, cada um dos tipos de prateado segue sua vida extraordinária. Há muitos, todos grandiosos, magníficos e poderosos. E tão distantes do mundo que conheço.

— É assim que a outra metade vive — murmura Gisa. — Já é o bastante para deixar qualquer um enojado.

Sinto-me invadida pela culpa. Sempre tive inveja de Gisa, do seu talento e de todos os privilégios que ele garante, mas nunca pensei nos custos. Ela não frequentou a escola e tem poucos amigos em Palafitas. Se as coisas fossem diferentes, ela teria muitos. Sorriria. Em vez disso, a menina de catorze anos arma-se de fio e agulha e parte para a batalha com o futuro da família nas costas, afundada até o pescoço num mundo que odeia.

— Obrigada, Gi — cochicho em sua orelha. Ela sabe que o agradecimento não é só por hoje.

— A loja de Salla é ali, no toldo azul.

Ela aponta para uma loja minúscula no fim de uma travessa, apertada entre dois cafés.

— Se precisar de mim, estarei lá.

— Não vou precisar — respondo rápido. — Mesmo que tudo dê errado, não vou envolver você.

— Ótimo.

Ela então agarra minha mão e a aperta por um segundo.

— Cuidado — avisa. — Isto aqui está lotado hoje, mais do que o normal.

— Mais lugares para se esconder — digo, com um sorrisinho no rosto.

Mas sua voz é séria.

— Mais agentes também.

Continuamos a caminhada. Cada passo nos aproxima do momento em que ela me deixará sozinha neste lugar estranho. Sinto uma pontada de pânico quando Gisa tira a mochila das minhas costas com gentileza. Chegamos à loja.

Para me acalmar, murmuro para mim mesma:

— Não falar com ninguém, não encarar ninguém. Não parar. Saio por onde entrei, o Portal do Jardim. O policial remove minha fita e eu continuo a andar.

Gisa confirma minhas palavras assentindo. Seus olhos estão arregalados, temerosos e talvez mesmo esperançosos:

— São dezesseis quilômetros daqui até nossa casa — concluo.

— Dezesseis quilômetros até nossa casa — ela repete.

Desejando com todas as forças poder acompanhá-la, observo Gisa desaparecer sob o toldo azul. Ela me trouxe até aqui. Agora é minha vez de agir.

## QUATRO



JÁ FIZ ISSO MIL VEZES: observar a multidão como um lobo vigia um rebanho de ovelhas. À procura dos fracos, dos lentos, dos tolos. Só que, agora, pareço mais a presa. Posso escolher um lépido, que me pegará em um piscar de olhos; ou, ainda pior, um murmurador, que vai sentir minha presença a um quilômetro de distância. Até a garotinha telec tem vantagem sobre mim se as coisas derem errado. Assim, tenho que ser mais rápida do que nunca, mais esperta do que nunca e ter mais *sorte* do que nunca. É enlouquecedor. Felizmente, ninguém presta atenção em mais uma criada vermelha, outro inseto perambulando aos pés dos deuses.

Volto para a praça. Deixo meus braços penderem frouxos do lado do corpo, embora estejam preparados. Normalmente esse é meu jogo: caminhar pelas partes mais congestionadas da multidão e deixar minhas mãos apanharem bolsas e carteiras como as aranhas apanham moscas. Não sou burra a ponto de tentar isso aqui. Em vez disso, sigo a multidão ao redor da praça. Minha visão não está mais ofuscada pelo cenário fantástico ao redor. Enxergo além dele: as fendas entre as rochas e os agentes de segurança em uniforme preto atrás de cada sombra. O impossível mundo prateado surge mais nítido. Eles mal olham um para o outro e *nunca* sorriem. A menina telec parece cansada de brincar com o bicho estranho, e os mercadores nem pechinçam. Apenas os vermelhos parecem vivos, cruzando aqui e ali com homens e mulheres lentos e bem de vida. Apesar do calor, do sol e dos sinais luminosos, nunca vi um lugar tão frio.

O que mais me preocupa são as câmeras de vídeo escondidas nas fachadas e vielas. Há apenas algumas no meu vilarejo, perto da sede da segurança ou da arena. Mas aqui elas estão em todos os comércios. Consigo ouvi-las mexer, como que para recordar com firmeza: *Alguém mais observa você aqui.*

A maré de pessoas me conduz pela avenida principal, por tavernas e cafés. Prateados sentam-se do lado de fora para observar a multidão passar enquanto desfrutam suas bebidas matinais. Alguns assistem a vídeos em monitores presos na parede ou pendurados em arcos. Cada um exhibe algo diferente, de antigas lutas na arena a noticiários e programas coloridos que não consigo compreender. Todos se misturam em minha cabeça. O som agudo dos monitores e o chiado distante da imagem zunem em meus ouvidos. Como eles aguentam, não sei. Mas os prateados sequer piscam diante dos vídeos, como se os ignorassem por completo.

O Palacete projeta uma sombra tênue sobre mim, e de novo me pego admirando,

tola. Mas então um som repetitivo me tira do transe. No começo, parece a sirene da arena, aquela que usam para dar início às Efemérides, mas é diferente. Um pouco mais grave e pesado. Sem pensar, volto-me para a direção do barulho.

No bar perto de mim, todos os monitores exibem a mesma transmissão. Não se trata de um pronunciamento real, mas de um plantão de notícias. Até os prateados param e assistem com um silêncio extasiado. Quando o ruído termina, a reportagem começa. Uma loira de cabelos volumosos — prateada, sem dúvida — surge na tela assustada, e começa a ler uma ficha:

— Prateados de Norta, pedimos desculpas pela interrupção. Há treze minutos houve um ataque terrorista na capital.

Os prateados ao meu redor soltam um suspiro seguido de resmungos temerosos.

Só consigo esfregar os olhos, descrente. Ataque terrorista? Contra os prateados?

*Isso é possível?*

— Ocorreram explosões concentradas em prédios governamentais no oeste de Archeon. Segundo relatos, a Corte, a Casa do Tesouro e o Palácio de Whitefire foram danificados, mas nem a Corte nem a tesouraria estavam em sessão esta manhã.

A loira então sai de cena para dar lugar à imagem de um prédio em chamas. Agentes de segurança evacuam edifícios enquanto ninfoides lançam água nas labaredas. Curandeiros, identificados por uma cruz preta e vermelha no braço, correm de um lado para o outro.

— A família real não estava na residência de Whitefire e não há mortes confirmadas até o momento. O rei Tiberias deve se dirigir à nação dentro de uma hora.

Um prateado perto de mim cerra o punho e soca o balcão, produzindo uma teia de rachaduras no tampo de pedra sólida. *Um forçador.*

— Foi Lakeland! Estão perdendo no norte, então vêm nos assustar no sul!

Alguns se juntam às provocações para maldizer Lakeland.

— Tínhamos que varrer essa gente do mapa, avançar até Prairie! — ressoa outro prateado.

Muitos vibram em acordo. Precisei de toda a minha força para não pular em cima desses covardes que jamais estarão na frente de batalha ou enviarão seus filhos para o combate. A guerra prateada deles é paga com sangue vermelho.

Parte de mim se alegra com as próximas imagens transmitidas: a fachada de mármore do tribunal pulverizada por explosões, uma muralha de diamante sob uma bola de fogo. Os prateados não são invencíveis. Têm inimigos, inimigos capazes de feri-los e, pela primeira vez, não estão escondidos atrás de um escudo de vermelhos.

A âncora retorna, mais pálida do que nunca. Alguém sussurra umas palavras por trás da câmera enquanto ela repassa as fichas. Suas mãos tremem.

— Aparentemente uma organização assumiu a responsabilidade pelo atentado em Archeon — ela diz, gaguejando um pouco.

Os gritos dos homens no bar cessam rapidamente. Todos estão ansiosos para escutar.

— Um grupo terrorista autointitulado Guarda Escarlate divulgou esse vídeo há alguns instantes.

— Guarda Escarlate?

— Que diabos é...?

— É alguma piada?

Outras perguntas confusas ecoaram pelo balcão. Ninguém nunca ouviu falar da Guarda Escarlate.

*Mas eu ouvi.*

Foi assim que Farley se referiu a si mesma. A ela e Will. Mas ambos são *contrabandistas*, não terroristas ou homens-bomba, ou seja lá o que diz o noticiário. *É coincidência. Não podem ser eles.*

No monitor, uma imagem terrível me aguarda. Uma mulher diante de uma câmera trêmula. Uma bandana vermelha cobre seu rosto, deixando à mostra apenas seu cabelo dourado e os olhos azuis e vivos. Numa das mãos, uma pistola; na outra, uma bandeira vermelha esfarrapada. No peito, um medalhão de bronze no formato de um sol despedaçado.

— Somos a Guarda Escarlate e defendemos a liberdade e a igualdade de todos os seres humanos... — a mulher diz.

Reconheço a voz. *Farley.*

— ... a começar pelos vermelhos.

Não é preciso ser um gênio para saber que um bar lotado de prateados zangados e violentos é o último lugar em que uma garota vermelha gostaria de estar. Mas não consigo me mover. Não consigo desgrudar os olhos do rosto de Farley.

— Vocês se consideram os donos do mundo, reis, deuses. Mas seu império está no fim. Enquanto não nos reconhecerem como *humanos*, como *iguais*, a guerra baterá à porta das suas casas. Não nos campos de batalha, mas nas suas cidades. Nas suas ruas. Onde vocês moram. Vocês não nos veem, e por isso já estamos em todo lugar.

Sua voz ressoa com autoridade e ponderação nas últimas palavras.

— E nós vamos nos levantar. Vermelhos como a aurora.

*Vermelhos como a aurora.*

O vídeo termina. O monitor volta a exibir a apresentadora, agora de queixo caído. Urros crescentes sufocam o resto do noticiário à medida que os prateados ao redor do balcão recuperam a voz. Gritam contra Farley. Chamam-na de terrorista, assassina, diabo vermelho. Antes de seus olhos recaírem sobre mim, já estou de volta à rua.

Só que, por toda a avenida, da praça até o Palacete, os prateados fervilham, vindos dos bares e cafés. Tento arrancar a fita vermelha do meu punho, mas ela não solta. Outros vermelhos desaparecem nos becos e corredores, na tentativa de fugir, e eu, que não sou burra, vou atrás. Quando encontro um beco, a gritaria começa.

Contra todos os meus instintos, viro para trás e vejo um vermelho erguido pelo pescoço. Ele suplica à agressora prateada:

— Por favor, não sei nem quem são essas pessoas!

— O que é a Guarda Escarlata? — a prateada grita na cara dele.

Reconheço a mulher. É uma das ninfoides que brincava com as crianças há menos de meia hora.

— Quem são eles?

Antes do pobre vermelho conseguir responder, um bloco de água o acerta no rosto. A ninfoide levanta a mão e a água se reúne novamente para mais um golpe. Prateados aglomeram-se em torno da cena, rindo e torcendo. O vermelho gagueja e tosse, tenta recuperar o ar. Ele reforça sua inocência a cada segundo, mas a água continua atingindo-o. A ninfoide, com os olhos repletos de ódio, não dá sinais de que vai parar. Ela atrai para si água de todas as fontes, de todos os copos, e lança contra ele, de novo e de novo.

Vai afogá-lo.

O toldo azul é meu farol, meu guia em meio ao pânico das ruas enquanto desvio tanto de vermelhos quanto de prateados. Geralmente, o caos é meu melhor amigo e deixa meu trabalho de ladra bem mais fácil. Ninguém dá pela falta de um porta-moedas quando está fugindo de uma multidão. Mas minha prioridade não é mais Kilorn e as duas mil coroas. Só consigo pensar em pegar Gisa e sair da cidade, que com certeza vai se tornar uma prisão. *Se fecharem os portões...* Não quero nem pensar em ficar presa aqui, cercada por muralhas de vidro, sem ter como chegar à liberdade.

Os agentes correm para cima e para baixo nas ruas. Não sabem o que fazer ou quem proteger. Alguns juntam vermelhos e os forçam a ajoelhar. Os coitados tremem e imploram. Repetem várias vezes que não sabem de nada. Posso apostar que sou a única pessoa na cidade inteira que *ouviu* falar da Guarda Escarlata antes de hoje.

Uma punhalada de medo atravessa meu corpo. Se for capturada, se contar a eles o pouco que sei, o que farão à minha família? A Kilorn? A Palafitas?

*Eles não podem me pegar.*

Me escondo atrás das barracas e corro o mais rápido que posso. A rua principal virou uma zona de guerra, mas mantenho o olhar adiante, fixo no toldo azul depois da praça. Passo em frente à joalheria. Desacelero. Uma joia bastaria para salvar Kilorn. Uma fração de segundo parada e... uma chuva de estilhaços de vidro arranha meu rosto. Na rua, um telec crava os olhos em mim e mira novamente. Não

lhe dou chance e disparo. Escorrego por debaixo de cortinas e barracas, os braços estendidos até voltar à praça. Quando me dou conta, já estou com o pé encharcado, cruzando a fonte na corrida.

Uma onda azul e espumante me joga para o lado, nas águas agitadas. Nada muito fundo, meio metro, mas a água parece chumbo. Não consigo andar, não consigo nadar, *não consigo respirar*. Mal consigo pensar. Minha mente só consegue gritar “ninfoide” e lembro do pobre vermelho na avenida, se afogando em pé. Bato a cabeça no fundo de pedra e vejo estrelas, *faíscas*, até que minha visão clareia. Tenho a sensação de que cada centímetro da minha pele está eletrificado. A água muda ao meu redor, volta ao normal e finalmente atinjo a superfície da fonte. O ar invade meus pulmões, queimando o nariz e a garganta. Não ligo: *estou viva*.

Mãos pequenas e fortes me agarram pelo colarinho na tentativa de me tirar da fonte. *Gisa*. Meus pés desgrudam do fundo e vamos ao chão juntas.

— Temos que ir — grito enquanto tento ficar em pé.

*Gisa* já está correndo na minha frente, rumo ao Portal do Jardim.

— Que perspicaz! — ela berra por cima do ombro.

Não consigo deixar de dar mais uma olhada na praça antes de segui-la. A multidão prateada transborda de todas as portas, revistando as barracas com a voracidade de lobos. Os poucos vermelhos restantes se encolhem no chão e imploram por misericórdia. Na fonte de onde acabei de escapar, um ruivo boia com o rosto para baixo.

Meu corpo estremece. Cada nervo queima enquanto ambas avançamos na direção do Portal. *Gisa* segura minha mão e abre caminho para nós em meio à multidão.

— Dezesseis quilômetros até nossa casa — ela murmura. — Você conseguiu o que precisava?

Sinto o peso da vergonha recair sobre meus ombros ao responder que não. Não deu tempo. Mal tinha conseguido retornar à avenida quando o plantão começou. *Não havia nada que pudesse fazer*.

O rosto de *Gisa* mostra pequenas rugas de preocupação.

— A gente pensa em algo — ela afirma com uma voz tão desesperada como a minha.

Mas os portões já despontam diante de nós, mais próximos a cada segundo que passa. Encho-me de tristeza. Assim que estiver do outro lado, assim que sair, Kilorn estará perdido para sempre.

E acho que é por isso que ela faz o que faz.

Antes de eu conseguir detê-la, agarrá-la ou empurrá-la, as mãozinhas espertas de *Gisa* deslizam pela mochila de uma pessoa. Mas não uma pessoa qualquer: um prateado em fuga. Um prateado com olhar de chumbo, cara de invocado e ombros largos que gritam “Não mexa comigo”. *Gisa* pode ser uma artista com a agulha e a linha, mas não é batedora de carteiras. O prateado leva apenas um segundo para

notar o que está acontecendo. E então alguém a ergue do chão.

É o mesmo prateado. *Dois* deles. *Gêmeos*?

— Não é um bom momento para começar a bater carteiras — os dois dizem em uníssono. E então já são três, quatro, cinco, seis, e fecham uma roda ao nosso redor. *Multiplicam-se. É um clonador.*

A multidão dá um nó na minha cabeça.

— Ela não teve a intenção. É só uma criança boba...

— Sou só uma criança boba! — Gisa berra enquanto tenta chutar o clone que a segura.

Eles riem juntos, uma gargalhada aterrorizante.

Corro na direção de Gisa e tento puxá-la, mas um deles me joga de volta para o chão. O impacto contra o piso duro faz o ar fugir dos meus pulmões. Fico recuperando o ar, capaz apenas de ver outro gêmeo botar o pé na minha barriga e me imobilizar.

— Por favor... — gemo, mas ninguém escuta. O zumbido na minha cabeça se intensifica à medida que as câmeras viram para focar a confusão. Sinto mais uma vez meu corpo eletrificado, agora por medo do que pode acontecer à minha irmã.

Um agente de segurança — o mesmo que nos deixou entrar pela manhã — se aproxima com a arma em punho.

— O que é isso? — rosna, encarando os prateados idênticos.

Um por um, eles fundem-se novamente até restar somente dois: o que segura Gisa e o que me prende no chão.

— Uma ladra — um deles diz, balançando minha irmã. Tenho que reconhecer que ao menos ela não gritou.

O policial a reconhece. Sua dureza se transforma em consternação numa fração de segundo.

— Você conhece a lei, menina.

Gisa abaixa a cabeça.

— Sim.

Luto o máximo que posso para tentar impedir o que está para acontecer. Som de vidro quebrando, luzes piscando: um monitor perto de nós é destruído pelo tumulto. Nem isso impede o policial de agarrar minha irmã e pôr a mão dela no chão.

Minha voz sai por vontade própria, unindo-se ao ruído do caos:

— Fui eu! Foi minha ideia! Me castiguem!

Mas eles não ouvem. Não se importam.

Posso apenas observar o policial deitar minha irmã ao meu lado. Seus olhos fixam-se nos meus enquanto ele desce a coronha da arma e esmaga os ossos da mão que ela usa para costurar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Rainha Vermelha"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).